

Três Personagens da História e uma Sentença: O desempenho de Saul Bellow, o testemunho de Emmanuel Lévinas e a responsabilidade de Martin Heidegger

Mestrando Ricardo Vaidergorn¹ (USP)

Resumo:

*Três personagens, cada qual de uma forma original, despertam curiosidade sobre suas respectivas participações na história. Dois deles foram personalidades reais e o outro um protagonista da ficção literária. Tal caso revela fatos relativos a um mesmo momento histórico e, de algum modo, envolvidos pelos eventos terríveis que culminaram no Holocausto nazista. O primeiro deles é o filósofo francês e pensador judeu nascido na Lituânia, Emmanuel Lévinas [1906-1995], autor de *Le Temps et L'Autre*, *Totalité et Infini* e *Les Quatre Lectures Talmudiques*. O segundo é Joseph, o protagonista do romance *Dangling Man* [Um Homem Involuntariamente Inoportuno, 1944] do Nobel [1976] judeu e norte-americano Saul Bellow [1915-2005]. O terceiro é Martin Heidegger [1889-1976], um personagem real, filósofo e consciente, cujo apoio silencioso ao regime nazista pôs as suas idéias sob a imperdoável sentença da história. Os três revelam a necessidade do constante re-avivar da memória sobre ocorrências, cujas respectivas consequências históricas, têm sido, aliás, com frequência, propositalmente disfarçadas ou esquecidas, sob discutíveis alegações de perigo ou “risco”. Alegações justificativas do silêncio da história maculada por intenções obscuras, intimidações e ameaças veladas contra a civilização, lamentavelmente, renovadas de geração em geração.*

Palavras-chave: literatura norte-americana, judaísmo, Saul Bellow, Emmanuel Lévinas, Segunda Guerra Mundial, Martin Heidegger.

Três Personagens da História e uma Sentença

Três personagens, cada qual de uma forma original, despertam curiosidade sobre suas respectivas participações na história. Eles aparecem ao mesmo tempo nos anos 1940, cada qual num lugar diferente, numa situação distinta, mas todos de algum modo participantes exemplares dos eventos terríveis que culminaram no Holocausto. Os três induzem a indagações sobre os reveses da história, sobre culpas omissas. Despertam para a importância da vigilância dos eventos, propositalmente, esquecidos sob discutíveis alegações de perigo ou “risco”. Alegações justificativas do silêncio da história maculada por intimidações, ameaças veladas contra a civilização, lamentavelmente, renovadas de geração em geração.

O primeiro é Joseph ou José, o protagonista do romance *Dangling Man* [Um Homem Involuntariamente Inoportuno, 1944] do Nobel [1976] judeu e norte-americano Saul Bellow [1915-2005]. O segundo é o filósofo Emmanuel Lévinas, [1906-1995], pensador judeu-francês nascido na Lituânia. O terceiro é o filósofo alemão Martin Heidegger [1889-1976].

O personagem de Bellow, Joseph (ou José), é um jovem intelectual de 27 anos, convocado pelo serviço militar para combater na guerra européia. Do outro lado do oceano, Emmanuel Lévinas sobrevivia num campo de prisioneiros de guerra nazista. Estava preso sob regras das convenções militares, em respeito ao seu uniforme de oficial francês. Mas, era mantido em separado dos demais companheiros, devido a sua conhecida condição judaica. Enquanto Lévinas estava preso, Heidegger, que nos anos 1920 fora seu antigo mestre, manifestava apoio ao nazismo e lecionava filosofia numa universidade alemã. Hoje, Lévinas é um personagem judeu da história, Joseph, um personagem judeu da ficção literária norte-americana de Bellow e Heidegger passou a ser visto como um personagem real e consciente dos horrores do regime nazista que apoiou e, pelo que, foi tido por Lévinas como cúmplice.

Na verdade, o nazismo que Joseph espera para combater, que Lévinas imerge sob suas ondas e sobrevive e sobre o que Heidegger apóia com seu silêncio é simbolizado pelo campo de concentração de Auschwitz. A “radiografia” da beleza encobre os esqueletos macabros dos bem vestidos assassinos. O mundo do pós-guerra jamais voltaria a ser o mesmo das aparências enganosas, ingênuo, crente nas boas intenções dos governos, indiferente, omissos e puritano de outrora.

Joseph, trancado em seu quarto, escreve um diário sobre os perigos e ameaças, para ele, sempre despercebidas. Ele as observa, não somente, enquanto indivíduo *em si Mesmo*, mas em sua relação com *Outrem*. Evidencia a insuficiência de uma postura ética e de um comportamento político. Constata o lapso da atualização em meio aos perigos, temores inerentes, terríveis e novos problemas que exigem o “*revestimento simbólico*” de outras experiências. Anos mais tarde, em sua obra *Totalidade e Infinito*, Emmanuel Lévinas esclarece e consolida o seu método fenomenológico, de observação dos eventos através da percepção sensível: “*dos sentidos humanos*”. O filósofo revela o resultado de sua busca pela tradução entre linguagens de diferentes contextos, um discernimento entre tais diferenças e entre tempos tidos como ambientes dessemelhantes. A genialidade do método de Lévinas consiste na dialética da tradução entre linguagens, aparentemente, distintas; de tempos diversos, em formas atualizadas e inteligíveis em vários níveis.

Os dilemas de Joseph co-existem em Lévinas. Ambos manifestam carências, sentimentos de impotência, de fragilidade diante de um mundo hostil, bem como, sob o viés do estrangeiro. Lévinas que é nascido na Lituânia, também, solicitou [em 1931] a sua integração no serviço militar francês pela “sua fome de comunidade” ou desejo de obter a cidadania do país. Eles travam uma luta constante de reconhecimento do e pelo Outro, uma luta que põe face a face Um e Outro e revela uma consciência de fragilidade, de carência, que põe à tona os desejos a serem realizados entre um flagrante estado de solidão e os limites da condição humana. Segundo Lévinas:

O desejo é a falta é a indigência é a incompletude o desejo metafísico é a bondade. Assim como: [...] A liberdade consiste em saber que a liberdade está em perigo.” [...] Ou que O Eu é a identidade por excelência. Ou [...] A alteridade do Eu [...] a imaginada pelos Eus do poeta é a negação do Eu pelo si [...] estranho hostil. Ou ainda: [...] O estranho, o hostil deverá alterar o meu Eu [...] o mesmo é o universal, a história ou o sistema [...] o Outro que não sou Eu são as expectativas [...] do pobre que não é rico, do presente que não é futuro [...] onde o mesmo é a identificação entre os diversos. [*Totalité et Infini: Essai sur l'extériorité* de Emmanuel Lévinas, op. cit. p. 21-30].

Para Lévinas: “*O Outro é um objeto que reflete o face a face em sua miséria potencial, na sua fome, na imprevisibilidade do momento seguinte*”. O *Outro* é a prova da insuficiência de si mesmo e da interdependência de necessidades inerentes à cidadania, mas também, é uma expressão representativa da incompletude existencial. É o “*Eu que jamais [...] serei*”. O *Outro* é a expressão “*da volúpia*” que o “*Eu*” não pode realizar, mas que o *Outro*, eventualmente, pode. É, portanto, a reflexão com o não ser de cada um, com o devaneio, com o desejo de possuir. É a manifestação do que não é possível, do que inexistente Em *Si Mesmo*: e reflete o desejo de estar, seguramente, integrado.

Mas, a essência do método de Lévinas está na dialética da temporalidade onde a expressão do *face a face*, do *Eu Mesmo com o Outro inesperado*: Com o *Outro* quem sabe “*seu próprio assassino e que pode, repentinamente, surgir ao abrir da porta*”. Consiste no reconhecimento da ética bíblica do “*Não Matarás*”. Dois tempos diferentes: onde o *Mesmo e o Outro* aparecem, seguidamente, numa representação dos vários *Eus*, dos vários momentos que caracterizam uma existência. Apesar do risco diante da condição mortal.

Lévinas cita que a justiça “*consiste em Eu reconhecer no Outro o meu mestre Ou, aliás, por conta de tal risco, venha ser o Eu que mudou e, recolhido pelo temor, do “primeiro atire para, então perguntar*”. Todavia, pode ser um sobrevivente de uma grande catástrofe. E há tantas relatadas

nas Escrituras. Há as referências experimentadas por “*um órfão, um estrangeiro ou a uma viúva*”. Há os *Eus* sobreviventes da destruição do 1º e do 2º Templos de Jerusalém, os das histórias do *Talmud*, Assim como os da própria história, das vítimas da Inquisição ou os dos mutilados do Holocausto. Há os *Eus* de Lévinas, ele mesmo um sobrevivente. Muitos dos *Eus* dele são, por muitos *Outros*, considerados verdadeiros heróis sobreviventes ao horror nazista. Há os *Eus* de Joseph, que dia a dia, face a face, os indica numa data precisa, em cada página do seu diário. Há, também, o “*Eu imperdoável*” (consciente, omissivo e silencioso) de Heidegger.

Lévinas aponta a humildade, a moral e a justiça do face a face em confronto com o perdão à tempos diferentes ou com a culpa ao imperdoável Heidegger. Em suas *Quatro Leituras Talmúdicas* ele cita, as dúvidas tais como; sobre os *Eus* ausentes e ansiados por Joseph o protagonista de Saul Bellow em seu diário:

17 de dezembro de 1942 [...]. Quando Eu pensava nas eras condenadas e naqueles anônimos, jazendo na sua escuridão[...] de que [...] o espírito humano deve ter sido o Mesmo. Aparentemente o bem deixou menos vestígios. E [...] tínhamos julgado mal épocas inteiras. [...] diante dos olhos ensopados, elas Mesmas da cor do fatídico jornal que leio diariamente [...]. Os mundos que buscamos nunca foram aqueles que vimos. Os mundos com os quais contamos nunca foram aqueles que obtivemos. [*Dangling Man*, p. 25. Tradução nossa].

Nas *Quatro Leituras*, Lévinas mantém-se em face da condição oposta do *Eu* ao *Mesmo*, humildemente, revestido pelo *Outro* sob, a qual, semelhantemente, Bellow esboça as suas reflexões narrativas. Já, Heidegger, na publicação *Sobre o Problema do Ser* [1955], propõe o contrário, ou seja; o fechamento total ao *outro*. Heidegger observa tal postura de nada absorver de *Outrem* mesmo convivendo com os estrangeiros, com as tropas aliadas de ocupação que ainda restavam na Alemanha.

Tal “*fechamento metafísico ao vazio absoluto*” reproduz uma condição de indiferença ao *Outro*; simboliza antes, o viés do “*lado a lado*” cego e mecanicista, em vez do olhar analítico do “*face a face*” do confronto democrático. O método Lévinas, aliás, simboliza a compreensão do *Outro* como *Outro Tempo*, enquanto um “*revestimento simbólico*”. Conceito este, que representa o reconhecimento de humilde abertura de aprendizado com o estranho ou o “*Estrangeiro, com o Órfão ou uma Viúva*” expresso pela Bíblia.

Desprezar o *Outro* significa, segundo Lévinas, a lembrança da milenar reflexão sob a imprudência em face à injustiça. Lembrança bíblica do assassino, do *Outro* tempo que mata. Esquecer o *Outro* é, pois, tão imprudente como o desprezo à liberdade. Equivale à rendição ao assassino em potencial, que, de súbito, pode aparecer em nossa porta. Uma vã tentativa de fuga equivalente a uma ingênua entrega, inconsequente reclusão ou à ignorante submissão ao *Mesmo*.

Joseph, logo na primeira página do seu diário, repensa a justiça do “*vestir-se sob o Outro (Tempo)*”. Reflete sobre tal necessidade desesperada, humilde e, como historiador, reconhece que para sobreviver à crueldade das piores catástrofes até mesmo o *Outro* assassino não pode ser desprezado. Precisa ser humildemente, recebido como qualquer “*Outro Mestre*” e com sabedoria.

Joseph escreve em seu diário que é fundamental reconhecer o “*silêncio Mesmo dos endurecidos*”, dos que cumprem ordens mecanicamente. Ele se prepara para a aventura e para os riscos eventuais da sua nova e imprevisível vida militar. Reconhece a nova experiência como um difícil ensinamento sob o qual a Eterna sabedoria “*Outra*” deverá, humildemente, submeter o seu próprio legado milenar *Mesmo* ao revestimento simbólico *Outro*. Joseph cita que nos anos 1940; “*Persiste hoje, mais forte que nunca, o código do atleta, do durão*”. Contesta a horizontalidade da influência helênica ao mencionar “*as origens (que) remontam a Alexandre, o Grande*”. E ironiza o viés dogmático e ideológico que sugere ter conduzido à anulação da vida interior quando o protagonista registra sob a data de “*15 de dezembro de 1942*” em seu diário:

— Você tem sentimentos? Há maneiras corretas e incorretas de indicá-los. — Tem vida interior? Não interessa a ninguém, a não ser a você mesmo. — Tem emoções? Estrangule-as. Os [...] que não têm prática de introspecção estão mal equipados para lidar com os adversários [...]. [*Dangling Man* de Saul Bellow, p. 9. Tradução nossa.].

Desde o seu ensaio de 1946/47, *Le Temps et L'Autre*, Lévinas sugere o diálogo ao endurecimento. O diálogo que reconhece o viés temporal e humano ao mecanicista. Do viés mental, indivíduo num *Mesmo* tempo e Noutro tempo em que o *Outro* tempo é sempre uma aventura, uma arriscada imprudência, porque precisa ser experimentado para ser compreendido, a exemplo dos fundamentos do *Talmud* que sugere tal humildade; uma sabedoria *Outra*".

Sabedoria do tempo, do intelecto, (a mais sutil das capacidades sensíveis do ser humano). Disposição esta, relacionada à justiça e à moral fundamentada nas relações sociais em consideração ao *Outro*. Um legado de todos os Tempos, desde o princípio de Israel, nação-testemunha do "*Princípio*" que se reveste pela sabedoria no mundo do "*face a face*" à necessidade, à carência que faz a partir de um ato de perdão, ou pelo exemplo do imperdoável.

Em contraponto ele relata o *Talmud*. em suas *Quatre Lectures Talmudiques* cita o *Tratado de Chabat*, onde a experiência da "*Tentação da Tentação*" revela um fato primordial contrário ao niilismo ou ao esquecimento. Relembra as 600 mil almas do povo judeu primordial pelas quais, segundo a mística simbólica, foram enviados dez mil anjos atados com duas auréolas: uma "*auréola para FAZER e outra para ENTENDER*". Tal episódio do *Talmud* simboliza o exemplo da doação da Torá que, primeiramente, foi simultaneamente "*Feita e Doad*", para após, vivenciadas, ser "*Entendida*". A ética do ANTES "FAZER" ou experimentar para apesar dos riscos para DEPOIS "ENTENDER", difere das pregações salvacionistas ou ideológicas posteriores tais como as pelo "Fazer" para depois "Esquecer".

Lévinas também comenta o texto do *Tratado talmúdico de Sota*. Tal tratado cita a vergonha simbolizada pelo episódio bíblico da "*espreita de uma terra sempre prometida, mas nunca permitida*". Sentimento de promessa traída e inconseqüente rebeldia moral. Ele cita o *Texto do Tratado de Sanedrin*, ele comenta o modo de julgar, a organização e o sistema dos antigos tribunais rabínicos citados no *Talmud*. Aponta uma, aparentemente, estranha e surpreendente jurisprudência que se fundamenta no erótico *Cântico dos Cânticos* do Rei Salomão e para o julgamento de crimes de assassinato. Lévinas esclarece ao comentar o tratado que; "*só existe justiça nos fundamentos da paixão*" uma vez que os crimes de morte relacionam-se ao perigo que espreita o lisonjear dos instintos de posse ou de matar. A forma de combatê-los depende da compreensão "*sob*" a sabedoria das paixões. Nesse sentido, um tribunal não poderia exercer o direito de condenar sem o dever da plena compreensão da "*tentação da injustiça*", desprezando ou esquecendo-se dos "*espinhos das rosas, que nos separam e nos preservam do mal que ao mesmo tempo nos seduz*".

Em seu diário, Joseph registra a sua espera entre dois *tempos*: o tempo presente de um *Eu* total, absoluto e *Outro* tempo infinito. Para ele, o *Outro* tempo, a percepção do infinito, cerca-se de súbitas interrogações. Neste sentido é que o mais sutil dos sentidos humanos — o intelecto — observa, racionalmente, as marcas da crueldade da lógica sempre mecanicista. Joseph escreve sobre tal marca da crueldade e almeja a compreensão do que ele chama de "*talvez uma era condenada*".

Neste sentido Lévinas afirmou em *Quatre Lectures Talmudiques* que: "*Se pode perdoar aquele que falou sem consciência, mas é difícil perdoar aquele que falou com plena consciência; se pode perdoar muitos alemães mas não há como livrar Heidegger da sua responsabilidade*" [p. 56].

Para Lévinas, a *Bíblia Hebraica* em si é a expressão de uma totalidade absoluta. É revestida pela sabedoria do julgamento e do pesar, do balancear entre as imprudências e risco da aventura, sem a qual, mesmo enquanto justa imprudência, Israel não existiria. Nem enquanto um risco de justiça entre os injustos, nem enquanto imprudência que reveste, simbolicamente, as carnes universais

da humanidade. Do *Talmud*, cujos comentários sob tempos diferentes, sobre essa carne que não se dissolve sob o "revestimento simbólico" Outro. Sob a história, que se oculta, se reveste, mas não anula pelo Novo. Do *Velho* que se atualiza, além do reatado e, necessariamente, sob a imprudência viva do presente enquanto sabedoria humana, original e sempre única sob todos os tempos.

Referências Bibliográficas

- [1] BELLOW, Saul, *Dangling Man* (1944). New York: Penguin Books, 1996. [p. 9 e 25]
- [2] HEIDEGGER, Martin, *Sobre o Problema do Ser / O Caminho do Campo* [1955]. Tradução de Ernildo Stein: São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.
- [3] LÉVINAS, Emmanuel. *Le Temps et l'Autre* [1946 /7]. Paris: Quadrige / Presses Universitaires de France, 1998 [Edição com texto introdutório incluído pelo autor em 1979].
- [4] LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infini: Eessai sur l'exteriorité* (1961; com Prefácio escrito em 1987). Paris: Kluwer Academic, Collection Biblio/Essais vol. 4120; Le Livre de Poche, 2000 [Há uma tradução portuguesa sob o título; Totalidade e Infinito]. [p. 21-30, 68 e 218].
- [5] LÉVINAS, Emmanuel, *Quatre Lectures Talmudiques*, Paris: Les Éditions de Minuit, collection Critique, 1990. [p. 10, 65, 130, 143, 163 e 174].
- [6] Le Sept – SOUDAPERAGA, *Duas Entrevistas com Emmanuel Lévinas* (duração de 50 minutos cada e gravadas em vídeo), concedidas em junho de 1988. Produção de Pierre André Boutang em realização de; Le Sept – SOUDAPERAGA, Paris:1988 exibido pela TV Escola / MEC/Brasil em 16 de junho de 2003, disponível sob solicitação à tvescola@mec.gov.br, telefone 0800-616161, Brasil.

¹ Ricardo Vaidergorn, Mestrando. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (USP).
Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas.
E-mail: vaidergorn@usp.br